N.º 7 (129) — 3.º ANNO Terça-feira, 13 de Dezembro de 1910 PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA
Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

O ZÉ

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO»
Redacção e administração: T. da Espera, 53, 1.º — LISBOA

Arte de Montes e... Serras Morenas

Tantos **cambios** fez, que a Justiça o colheu contra as **taboas**... da **lei**...

ASSIGNATURAS

(Pagamento adeantado)

Anno	1$000
Semestre	500
Trimestre	300

A cobrança feita pelo correio custa mais 100 réis.

Assignatura extraordinaria sómente em Lisboa, 20 réis, pagos no acto da entrega.

Todos os pedidos devem ser dirigidos á administração.

T. da Espera, 53, 1.º, E.

LISBOA

AVISO.—A nossa redacção e administração, passa a ser do dia 1 de janeiro em deante na rua da Rosa, 162, 1.º, esq., Lisboa.

As côres da bandeira

As côres da bandeira da nação, teem servido para damnação de muita gente bôa, que defendendo a *sua* côr, quer que esta prevaleça ás outras, e dá por paus e por pedras quando lhe vão á mão no assumpto.

Vem portanto aqui a pêllo, falar do appêllo que o poeta Guerra Junqueiro faz ao povo, chamando a attenção d'este para a sua bandeira, exposta na Sociedade de Geographia.

Guerra Junqueiro, é realmen... não, perdão... é presidencialmente (com a Republica ficou abolido tudo que seja *real*, e seus *derivados)* um grande poeta, mas bandeireiro... isso lá, fia mais fino!...

Como o seu nome está indicando, Guerra faz guerra a todas as côres que não sejam o azul e branco e, dando-lhe para ali, muda de côr se lhe falam em côres differentes d'estas.

Nós sabemos perfeitamente que o branco é... gallinha o põe... lindo como os amores, que symbolisa toda a casta de castidade e... mais coisas adjacentes; que o azul, é a côr do manto da virgem, Senhora da Conceição, de todas as Conceições, desde a Conceição Velha até á Conceição Nova que tambem está velha, mas... são côres, velhissimas, mais, velhas talvez do que a *Velhice do Padre Eterno* de que elle é pae, e nós não queremos, nem gostamos de velhas!

Isso era bom para o Fontes, segundo dizem.

Nós queremos coisas novas, coisas moças, coisas viçosas!

Pois se a Republica é moça no paiz, e moça de talento, não ha de querer a represental-a uma velha de capote e lenço de cambraia, muito espetado, a acenar com o *tabaqueiro* azul e branco, e a dizer n'uma voz de falsete ás nações amigas:

—Eu sou a Republica portugueza, que o bom povo, o valente povo, o heroico povo d'outras eras, fez implantar n'aquelle reino tão ambicionado.

Mas... ha mais!

O senhor Guerra Junqueiro explicou algures, que as cinco estrellas que se vêem em volta da esphera armillar que encima o escudo, representavam o dia 5 de outubro, dia em que foi proclamada a Republica.

Pois meu caro senhor, davamos um dôce... davamos mesmo uma confeitaria, se alguem fosse capaz de adivinhar essa charada!

Cinco estrellas representarem o 5 de outubro!...

E' caso para se ficar a *vêr* as *estrellas*... e não se acreditar!...

Se em vez da esphera armillar, Guerra Junqueiro tem posto um capacete, simbolisando a cavallaria antiga, e em volta as cinco estrellas, ainda poderiamos tomar estas por *pilulas*, e então diriamos que a bandeira tinha *pilulas no capacete*, mas nunca seriamos capazes de dizer que representavam o 5 de outubro.

Olhem se a Republica tem sido proclamada em 31, hein?!... Não tinhamos que gramar 31 estrellas?!...

E depois, Guerra Junqueiro expondo a sua bandeira na Sociedade de Geographia, estabeleceu uma concorrencia desleal á outra bandeira eleita pelo Governo.

Porque não expoz as duas, e cadernos para o povo assignar a que mais lhe agradasse?

Talvez receasse *fiasco*, quem sabe!...

Nós não queremos dizer com isto que o sr. Guerra Junqueiro não seja um *porta bandeira* leal da Republica, e que a defenda com verdadeiro amor patrio.

Mas o que achamos, é que é mais pyrrhonico que o proprio Pyrrho, e que depois da bandeira verde e encarnada ser aprovada pelo governo da Republica, não devia fazer *tagatés* com a azul e branca, como a dizer que esta é que tem razão de ser e não aquella!

Até parece estar a fazer pouco de quem approvou o que approvou!

Se o sr. Guerra Junqueiro tem muito amor ao azul e branco, faça-lhe uma ode, um poema, um canto que seja um encanto, como são todas as suas producções.

E então poderá dizer á vontade que as cinco estrellas symbolisam o 5 de outubro, que a esphera symbolisa a Rotunda, que os maravedis, são as granadas que arrombaram o Palacio das Necessidades, emfim! o que quizer, mas não nos seringue mais, não?!...

NOTA DA CHRONICA:

No tribunal:

—Dizem que você mata um homem com uma destreza admiravel, e que dá lições de navalha. Que responde a isto?

O *réo* (modestamente)—Quando V. Ex.ª quizer experimentar...

Outra vez?

Diz-se para ahi que o pessoal dos Electricos vae fazer greve outra vez, se não forem admettidos os dois operarios que a Companhia ultimamente despediu injustamente.

Parece-nos que o Zé tem de se deixar de carrinhos de... linhas e agarrar-se aos novellos que teem mais consistencia...

Já viram a policia de capacete?

Mas que elegancia!...

—Deixar de haver gréves em Portugal.

—O governo deixar de receber manifestações dos cabeças... das cabeças de concelho.

—Os revolucionarios não paparem jantares.

—Saber-se ao certo a côr da bandeira da Republica.

—A padralhada estar socegada e não fazer das suas.

—Os srs. Affonso Costa e Antonio José d'Almeida deixarem de aturar maduros.

—Saber-se quando apparecerá a lei, decretando a reducção do imposto do consumo.

—Acabar-se de ouvir por todos os cantos a *Portugueza*.

—O ministro do interior deixar de dizer aos nossos soldados, que foi desculpavel a sua insubordinação, no antigo regimen.

—Deixar-se de comprar o bacalhau a doze vinteis, e o azeite a cruzado.

—O sr. D. Miguel de Bragança deixar de pensar em endireitar isto.

Museu da Revolução

Parece que tambem irá parar a este muzeu, o predio da Avenida, que ardeu na noite da Revolução, pois está muito *bem conservado*, e não se pensa em reedifical-o.

O Poema da Rua

I

Em que o auctor encontra um gallo morto

Achei-o morto á porta d'uma herdade,
Entre montões de lixo, abandonado;
Meu pobre gallo, amigo desgraçado,
Caiu por terra a tua magestade!

Tu foste um grande heroe, na realidade,
Meu lindo *Chantecler* empertigado!
Pois já não soltas o teu canto ouzado
Que despertava o sol?... Triste vaidade!

Nós somos como tu. Heroes altivos,
Soberbos, orgulhosos quando vivos,
Victimas da vaidade e do capricho!

Ó gallo, quanto ironica é a sorte!
Orgulhos para quê? Se ao vir a morte
A nossa campa, ás vezes, é o lixo!...

MANUEL CHAGAS.

(Pardiéllo)

Vae prrrrincipiar

Já foram distribuidos á policia, os antigos revólveres, e consta que do principio do anno em diante, começará a andar armada de chanfalhos com mais *dois metros* que os antigos...

Aqui fazemos a prevenção para o Zé ir deitando as costas de môlho...

Nas *Cartas do Exilio*, um reverendo diz que ninguem lhe bateu em Portugal.

E' que a Protectora tem muitos socios.

E' das bôas!

A policia civica, segundo informa um jornal, vae andar armada de sabre, revólver e um pequeno casse-tête de borracha ainda por cima.

Por pouco mais não lhe punha uma carabina ás costas e um canhão debaixo do braço.

Para tornarem a facultar-lhes as armas que o pobre povinho hade experimentar mais dia menos dia, não valia a pena terem feito andar por ahi os guardas de mãos atraz das costas como uns *pyndericos*.

Quem seria o brejeirote
Que teve a idéa «zaré»
De inventar o casse-tête
Para a cabeça do Zé?

•

A *poderosa* Companhia dos electricos, que para resolver a gréve do pessoal contemporisou com algumas reclamações, mal o apanhou ao serviço tratou de sophismar velhacamente os compromissos tomados.

E' claro que o digno ministro do Interior, hade fazer entrar na ordem a *poderosa* e intrusa Companhia, mas se o publico lhe désse tambem uma lição?

Tem razões até de sobra, pelo excessivo preço das carreiras e mau serviço.

Emquanto houve a *gréve*, toda a gente andou a pé.

Porque não se fará um sacrificio, durante alguns dias, até que a *poderosa* se resolva a fazer uma tabella de preços mais equitativa?

O' Zésinho, abre bem os teus olhos e mette mãos á obra, que é como quem diz, mette pés a caminho e não andes de carro.

Não te deixes comer Zé
Pelo beef que te illude,
E vê bem que andar a pé
E' muito bom p'rá saude!

•

Dizem que chegou ahi um emissario do sr. D. Miguel, que vem fazer propaganda do miguelismo.

Devia ser muito bonito se depois de nos terem azoinado com a *Maria da Fonte*, nos rebentassem os ouvidos com o *Rei-chegou*.

Agora tarde *piaste*.

Deixem estar isso no archivo em companhia do hymno da carta, que para lá foi ultimamente.

Só por troça é que no seculo XX e num paiz republicano, se fala no absolutismo!

E' por força mangação
A léria do pretendente
Mandar p'ráhi um ratão;
Isso é decerto palão
Ou querem mangar co'a gente.

ORLANDO.

Opinião d'uma sopeira:

— Não sei para que a policia vae usar *caça-têtas!...* Se fosse a ex-*municipal*, ainda vá...

1.º de Dezembro

Primeiro de Dezembro, dia augusto,
Em que o Zé *refilou*, como um valente
Primeiro de Dezembro, em que esta gente
Metteu á linda Hespanha um grande susto!

Primeiro de Dezembro, que a bom custo
Déste um grito lib'rál eloquente,
N'unca te viste em festa tão ridente
Primeiro de Dezembro, altivo e adusto!

Oh! Nunca a monarchia que montas-te
Com teu braço d'heroe, te festejou
Como esta filha (1) qu'rida que geraste.

Pae revolucionario eu te saúdo;
Foi um dia em que ahi tudo bailou,
E venha o Santo Antonio *ma-lo* Entrudo!!

VIU-SE GREGO.

(1) A filha é a Republica. Não sabiam?

Contos rapidos

Uma passeata

Até que finalmente tinha chegado o desejado dia dos annos da Marianna, em que segundo promettera o primo Alfredo, iriam todos passear até á Outra Banda.

Desde as quatro da manhã que em casa dos Rochas, andava tudo n'uma debadoira, pois cheirava a pandega, e demais a mais, pandega paga pelo primo, rapaz com algum vintem, que estava para cazar com a Piedade, irmã da Marianna.

O pae das raparigas, o sr. Rocha, um amanuense encravado do ministerio do Reino, a quem o magro ordenado mal chegava para sustentar aquella tropa fandanga de seis pessoas, elle, mulher e quatro filhas, exultava de contente n'aquelle dia, não só por poupar o jantar em casa, como tambem lhe cheirar a comer de borla e tirar o seu ventresinho de miseria.

A D. Pulcheria, senhora já quarentona e mãe de raparigada, essa tambem não cabia dentro da pelle, com o contentamento que sentia, e agourando de antemão um dia bem passado fóra de casa.

A's seis horas chegou o Alfredo, todo *dandy*, de fato claro, Panamá de palha posto á mosqueteira, e saboreando um *carmellita* aromatico, que deixava nos ares um aroma deliciosissimo.

As Rochas estavam esperando impacientes, todas aprumadas e mais firmes do que o seu apelido, na casinha de fóra, por isso foi um delirio quando a campainha telintou alegremente.

— Ora graças!... disse a D. Pulcheria que foi quem abriu a porta, emquanto o Rocha pae escovava o côco e as filhas ensaiavam caretas ao espelho. Julguei que não chegava hoje!... O seu relogio está muito atrasado!

— Ora essa?... Está pelo tiro, que o accertei hotem, voltou o Alfredo puchando pela cebolla e mostrando-a á futura sogra.

— Então é o de cá, que está adiantado, voltou a Annita cofiando o penteado na testa.

O Alfredo foi-se chegando para o pé da Piedade e apertou-lhe a mão ternamente, emquanto o pae Rocha, já de bengala empunhada e chapéo na cabeça, dizia:

— Bem, então não ha tempo a perder. Vamos andando a vêr se apanhamos o vapor das seis e meia.

Eram sete e meia quando o alegre bando desembarcou em Cacilhas.

O Alfredo sempre agarrado ao braço da Piedade, propoz para irem ao Alfeite vêr a quinta, mas primeiro seria conveniente almoçarem em qualquer parte.

Acceite o convite com todo o contentamento, dirigiram-se a uma casa de pasto onde almoçaram regaladamente, bife, ovos estrellados, vinho etc.

— Se nós agora fossemos de burricos até ao Joaquim dos melões? alvitrou o Rocha pae.

— Cá por mim, antes queria ir á cova da Piedade, disse o Alfredo olhando sorrateiramente para a prima, que se poz vermelha como um tomate.

— Nada, nada vamos nos burros dar um passeio maior, retorquiram em côro as outras irmãs.

Alugaram-se burros e começaram a montar, mas o Alfredo e a prima deixavam-se ficar para traz, cochichando em voz baixa.

— Então vocês não veem nos burros? perguntou a D. Pulcheria já quando os jumentos se punham em marcha.

— Não, mamã! respondeu a Piedade batendo as palmas. Vão andando, vão andando, que eu e o primo vamos em cavallo...

E foram.

ARIEL.

O fardamento da policia vae ficar todo preto.

O da *mancipal* ficou escuro como uma noite de inverno.

As *sopas* escamadas adheriram todas á infanteria que tem coisas encarnadas.

Dois feriados perdidos
O Natal e o Anno Novo

GLOSA

Andam todos encolhidos
E contra o facto respingo,
Por haver, por ser Domingo,
Dois feriados perdidos.
Nos tempos felizmente idos
Era um maná, era um ovo,
A nobresa, o clero e o povo
Tinha mandria com fartura
Este anno até nos tortura
O Natal e o Anno Novo.

AMANUENSE.

Damos um jantar de gallinha preta no dia em que o Manoel arranjar noiva.

Agora é que nunca mais.

Com um throno elle não a arranjou quanto mais agora sem uma *corôa*.

Fica decerto a olhar para o tecto, a vêr se cae alguma.

A policia vae usar *casse-tete* de borracha.

Que mania é essa de empregar cousas de borracha contra a cabeça do Zé?...

Esta é a Bandeira minha amada,
O symb'lo da Patria reg'nerada!

Correspondencia Quelhacea

Carta 4.ª

Setembro, 12.

Minha boa amiga:

Vou-te falar hoje dos jejuns, das penitencias dos exercicios espirituaes, emfim da vida recolhida e contricta que levo no cume da minha existencia, pois não creio, apesar de só ter dezanove annos, poder resistir por muito mais tempo a tanta felicidade. Os jejuns, diga-se em verdade, não haviam porque era raro o dia que não viamos o seu naco de carne; mas ás sextas como dizia o Rv. Gregorio era o dia do «peixe», lá para elles. Nunca percebi; no entanto ás sextas feiras vinham as confessadas, senhoras de alta roda; (eram bonitas algumas) e ao Rv. Gregorio ouvi dizer que o seu «peixe» das sextas feiras, tinha mais carne que o proprio diabo (este diabo era um tal Alpoim, que apparecia sempre no purgatorio á espera de decisão para então se manifestar). N'esses dias havia orações a Deus Cupido, á guitarra, pelo Rv. Gregorio, dansas de sacrificio (fatos á seculo XI, vulgo á Pae Adão), champagne e bolos. No entanto do que eu gostava immenso era dos quadros vivos «au naturel», extracto da Biblia, em que as mulheres se sacrificavam com prazer a vestirem-se de nuas e fazerem aos reverendos, passagens... sacras.

Em seguida como era por intermedio do reverendo Gregorio que ellas obtinham os favores da côrte, requeriam os titulos para os maridos. Porque, aqui para nós, as mulheres é que lh'os punham. Os sacrificios ou as penitencias consistiam em, termos que fazer a comida para os reverendos e outras coisas. A penitencia para mim não me custava já nada para o fim, tão acustomada estava com os habitos d'elles. Já sabia que o reverendo Caetano, das aves, só gostava das pernas; o Gregorio, do lombo, que lhe apresentava e que elle saboreava; havia lá um velhote, que como não tinha dentes, se dedicava ao linguado e mais peixes frescos; emfim com a ajuda de todas as minhas irmãs iamos levando esta vida de penas com a maior resignação que podiamos.

Adeus minha querida. Não tenho tempo para mais; tenho uma boda hoje aqui na nossa egreja.

Tua

Magdalena.

A umas feministas

Ora meninas vamos ao que importa:
Eu sou podem-me crêr, um feminista,
Pois sempre das mulher's ando na pista
E na cára apanhei já muita porta.

Se o serem *deputadas* as conforta
E vão no parlamento fazer vista,
Mamdem sem hesitar p'ra cá a lista
Que nome de mulher algum se corta.

Mas ó filhinhas bellas, gentis fadas
De rostos pintalgádos de carmins
O que as torna um bocado exaggeradas.

Vão pensando um instante no jardim,
Que eu preciso as ceroulas concertadas,
Depois terei de me coser a mim!

ORLANDO.

Annuncios curiosos

«Quinta. — Arrenda-se uma pequena. T. da Palmeira, 42, se diz.»

Fômos vêl-a.

Como *quinta*, tem pouco arvoredo, e como *pequena*... será de comprimento, mas de *largura*... nem falar n'isso é bom...

«Carreira. — O sr. Alfredo Silverio, faz publico que termina a sua *carreira* por se encontrar adoentado.»

Faz bem, mas já devia saber que a carreira... dos cavallos, vae dar ao *Matadouro*...

«Alviçaras. — Dão-se a quem entregar uma pelle branca (bicho)... na Rua da E. Polytechnica, etc.»

Bicho?... Porque é que V. Ex.ª o não entalou melhor?... Já o não perdia, vê?!...

«Cão. — Desappareceu um que dá pelo nome de *Tendeiro*, etc.

Tendeiro! C'os diabos!!... Querem vêr que é o meu!!!...

Glace. — Impossivel; não encontrei o que queria!... M. C. C.»

Ora meu amigo!... Estavam mesmo guardados para si!!...

Fosse mais adiantado se queria encontrar o que queria!...

Rapariga. — Offerece-se para serviço particular e que não tenha de sahir á rua, etc.»

Menina, escusa de procurar mais!...

Nós cá estamos ás ordens e emquanto estiver ao nosso serviço, não pense em sahir á rua.

Por um oculo...

(Notas de um reporter)

Ha dois annos andava o dr. Alexandre Braga prégando ás massas... alimenticias do thezouro publico quando chegando a Mafra teve uma entusiastica recepção por parte dos generos de primeira necessidade taes como cebôlas e batatas devidamente temperadas por um tal Manoel Baptista Ribeiro Junior, que, ao que parece, é *compadre chegadinho* do celebre Baptistinha de Setubal, mordomo-mór das chapeladas e senhôr de muitas consciencias. Como um polvo autentico agarrou-se o nosso homem ao rendoso logar de administradôr de tál fórma que lhe ficou o vicio da adherencia. Cae a monarchia e Baptistinha II vê-se despegado da administração embora empregasse todas as gommas e kolas (até o do *Portugal* elle tentou) para resistir aos embates da lavagem... politica que o novo governo executou. Tantos annos parasita o diacho do homem não podia vivêr assim sem ter a quem se encostar uma noite, pensativo, os olhos fitos nas taboas do tecto, agarrou-se ao travesseiro e pediu-lhe um conselho... de ministros d'onde sahisse a sua nova nomeação. Mas subito vem-lhe á cabeça uma idéia salvadora: adherir. E por que não? Não era elle republicano desde os bancos das escolas? Se não se declarara como tal na monarchia fôra para que lhe conservassem o logar e melhor pudesse vigiar o que faziam os monarchicos. E Baptistinha II no dia seguinte berrava com toda a força dos seus (d'elle) pulmões: viva a republica, descobria-se ao ouvir a Portugueza e já não pedia p'rá cêra de Santo Antonio mas sim «p'rás victimas». Era porém preciso dar um publico testemunho da sua *sincera adherencia*. Poz-se em campo e organisou uma excursão: musica, foguetes, bandeiras e vivas, misturou com a mesma habilidade com que outr'óra o fizera ás batatas e cebôlas. Tomaram o comboio, desandaram e arribaram á capital. Porém grande decepção: nem viva alma á chegada que desse um viva vivificador. Dispersaram e Baptistinha II marcou as duas e o local para a reunião. Como outr'óra se sentara á meza do orçamento Baptistinha II sentou-se á meza do Hotel Francfort e ainda o ponteiro não estava entre as duas já o nosso homem se movia em direcção ao local aprazado por S. Ex.ª. Mestre da banda empunha a batuta e mestre Zé Povinho empunha a batata. Grande chinfrim, grande zaragata, grande reboliço, e a um canto, traiçoeira e cobardemente é assassinada a punhaladas a pobre desgraçada Maria da Fonte. Exaltam-se os animos e Baptistinha II com auxilio de dois estudantes lá conseguiu sahir da cratera sem que a lava o attingisse, ou sahir do banho sem se molhar, ou sahir do lume sem se queimar, isto conforme a tempera do leitor ou friorento ou escaldadiço. E lembrar-se a gente que para isto se levantou um cacique á meia noite e... meia hora!!!...

ZÉ PIMENTA.

— Então que me diz á *grande recepção* que tiveram os excursionistas de Mafra?

— Que lhe hei de dizer, senhora Leonor, que foi muito bem feito tudo aquillo.

— Parece-lhe?

— Certamente! Pois não foi assim que elles tambem receberam o dr. Alexandre Braga, dr. Figueiredo Cardoso, Soares Guedes, Sá Pereira e Firmino Alves quando vinham do comicio da Malveira? Pois quem com ferro mata, com ferro morre, segundo lá diz o ditado.

— Ai!... isso decerto!...

— E demais, estas festas ao Governo já me vão cheirando a maçada, não lhe parece?

— Mas é que vocemecê não percebe, que essa gente não vem cá só para fazer *bichinhas gatas*, ao Governo!

— Então porque é?

— Olhe, sabe o que elles me fazem lembrar? As lavadeiras saloias quando pela Paschoa trazem um ramo de louro, e esperam logo pela gorgeta.

— Não percebo lá muito bem o que me diz.

— Então eu me explico melhor: Essa gente que ahi vem de differentes terras a felicitar o Governo e a Republica, trazem sempre em mira pedir qualquer coisa para a sua terra. Uns querem ser cabeças de concelho, outros cabeças de comarcas, outros cabeças...

— De nabo... de nabo é que elles são cabeças!... e por causa d'elles incommoda-se tanta gente não sei para quê!

— Então que quer!

— Outra coisa lhe desejo perguntar, ó senhora Leonor.

— Que vem a ser?

— Vocemecê tem visto todas essas manifestações de maior successo, não é verdade?

— Tenho, sim, porquê?

— Não tem reparado n'uma rapariga vestida de anjo da dança da lucta?

— Anjo da dança da lucta?!...

— Sim!... Uma rapariga toda de encarnado, um capacete a luzir muito, e com uma espada na mão!

— Ah!... Isso é a Republica!!...

— O quê?!... Então foi por causa d'aquella pequena que tudo isto se levantou?

— Não, menina!... Aquillo é a symbolisar a Republica. Naturalmente a pequena é filha d'algum republicano exaltado, que quer assim prestar homenagem ao seu ideal.

— Tem graça!... Pois eu julgava que era o anjo da dança da lucta, palavra!...

— Que idéa!!...

— Então que quer!... Não sabia... São as duas figuras em que mais tenho reparado n'essas festas: é no tal *anjo*... quero dizer, na Republica e no *Telim*, que tambem não falta ao pagode.

— Tenho uma raiva a esse *Telim*, que o não posso vêr!...

— Ora coitado!... Um pobre idiota!...

— Pois sim, mas foi o causador da morte de uma rapariga minha conhecida!

— Elle?

— Sim, elle!

— Mas como?

— D'uma maneira muito simples. Que elle afinal não teve culpa...

— Mas então como foi?

— Essa minha amiga morava n'um quinto andar no Bairro Alto, e tinha um filho dos seus cinco annos, talvez. Uma occasião, passava o *Telim* pela rua onde ella morava, com grande numero de garotos atraz de si fazendo um chinfrim medonho. O pequeno corre para a janella e dá um grito! A mãe, julgando que o filho tinha cahido á rua corre tambem para a varanda de sacada, mas na atrapalhação, enfia um dedo pela grade, e fica-lhe entalado entre os varões. N'isto perde os sentidos caindo em seguida, bate com a cabeça na lage e...

— Hi!... Que infelicidade.

— E' verdade!

— E como lhe tiraram o dedo!

— Isso não sei, o que sei é que morreu com elle entalado...

ARIEL.

Os casse-têtes de borracha que a policia vae usar, serão aquelles apparelhos realistas que foram encontrados nos conventos para diversão das freiras?

O', que diabo de idéa!

E' pouco esthetico mas faz com que muitas senhoras armem em zaragateiras para apanharem com o casse-tête.

INDIVIDUALIDADES

III

Bernardino Machado

Estadista cincero e generoso,
Amigo intransigente da Verdade.
Propagandista audaz e valorôso;
Alma sublime, cheia de bondade!

Dotado d'um espirito bondôso,
Nada tem que se diga de vaidade.
Abrindo-nos, qual raio illuminôso,
O sublime ideal da liberdade!

Faz-me lembrar Camillo Desmoulins
O grande libertario que tambem,
Foi, a alma illuminosa dos francêzes!

Camillo caminhou, contra a Bastilha.
. . . .
Bernardino é qual, outra maravilha;
O refulgente, sol, dos portuguezes!

VICTOR GOMES.

Olá!

O sr. capitão Palla, segundo um nosso collega, está descontente com o Governo. A não ser por motivos particulares, não lhes parece que isto é... *pala?*

Sarau academico

E' no Nacional e na primeira quinzena de janeiro, que se realiza esta simpathica festa. Mesmo que não houvesse outros bellos numeros, bastaria o orpheon de trezentas alumnas do lyceu femenino, para prophetisar uma casa á cunha. Este orpheon é organisado unicamente para abrilhantar este espectaculo, assumindo a regencia o distincto compositor Thomaz Borba.

Os pedidos de bilhetes feitos aos academicos e nossos collegas Eurico Zuzarte e Armando Ferreira, têm sido innumeros, restando já pouquissimos.

É ministro do fomento o Dr. Brito Camacho. Agora é que se pode perder a esperança de qualquer feriado.

Na casa onde moramos ha uma menina hysterica, que passa as noutes a cançar os dedos no piano.

Chocalha desalmadamente e n'estas noutes de chuva e ventania, obriga-nos a sahir de casa, porque o seu vasto reportorio compõe-se da *Portugueza* e da *Vassourinha*.

De vez em quando dá-lhe na veneta cantar, e guincha de tal fórma, que mette n'um chinello a voz maviosa d'uma gata a quem pizem o rabo.

Em noutes assim com um tempo d'estes e uma *musica* d'aquellas, só o theatro nos vale.

Consultando os jornaes vemos que estão em scena, no

Nacional, *Os Velhos*, do saudoso D. João da Camara, com um desempenho primoroso, e que no

Republica vae a nova peça de Vasco Mendonça Alves, *Promessa*, que coustitue um successo.

Apesar da bellesa dos espectaculos, appetece-nos a musica e não faltamos á

Trindade onde a revista *No paiz do vinho* não quer sahir do cartaz, com o applauso do bilheteiro. Por essa razão quem quizer vêr a linda opera comica *Amor de principes*, tem de ir ao

Avenida onde faz carreira triumphal com o bello desempenho da endiabrada Cremilda.

Constipados e cheios de tosse já mandámos pedir á nossa visinha que acceitasse um logar no *Fado* que vae no

Apolo e que é uma peça portuguesa a valer com linda musica do maestro Filippe Duarte.

Dar-nos-hia ensejo para tomar uma xaropada e dormir em socego sem a cega rega do piano mesmo por cima do quarto.

Offendeu-se comnosco ainda por cima, por lhe querermos dar entrada no *Fado*, e berrou da janella que só costumava ir ao

Gymnasio onde se estreia uma comedia *Das 3 ás 5* que nos dizem ser mesmo da pontinha da orelha.

Chamou-nos atrevidos, chorou e fez tal scena que parecia um trecho de qualquer drama da

Rua dos Condes onde a companhia Alves da Silva se exhibe com o maior agrado do publico.

Não nos ralámos e fomos ao

Colyseu dos Recreios onde está o celebre Raymond, illusionista de fama que até seria capaz de transformar o piano da visinha n'um... assobio.

Só temos pena que o raio da constipação nos não permitisse assistir á inauguração do

Theatro Moderno que apresenta a companhia Rentini com o seu vasto reportorio.

Como a visinha se não convence, temos de recorrer aos salões de animatographos, não faltando no **Phantastico** ao **Theatro do Rocio**, ao **Borralho** e ao **Chiado Terrasse**, que é uma das melhores casas de espectaculo neste genero.

Assim passaremos as noutes emquanto a visinha dá sôccos no piano e ensurdece os moradores do predio.

Vamos mudar-nos com armas e bagagens para bem longe.

Não lhe digam nada por especial favor.

OSCAR.

Secção charadistica

Decifrações do n.º 5

1. Poeira — **2.** Xylobalsamo — **3.** Fadistinha — **4.** Guilherme — **5.** Ligula lila — **6.** Attentar atar.

XUÃO.

---

(1) **Syncopadas**

O cavallo fabuloso deita força—3—2.

XUÃO.

---

(2) **Truncadas**

Pelas margens do rio passeia a mulher — 2.

LEANDRO DA MONTANHA.

---

(3) O tumor tem esta arvore — 2.

XUÃO.

---

(4) Eis uma ave que come cevada — 2.

LEANDRO DA MONTANHA.

---

(5) **Typographico**

1000 / CORTA   0 / T

PAN GARANHÃO.

---

(6) SODOS
DA-DA
XX

CHIROBEL.

O governo vae fazer uma lei terminando com a prostituição *legal*.

Quer dizer que agora ficam todas *honradinhas* da costa ou então illegaes como *burras*.

E' bico ou cabeça?

Parece que vão chover reclamações do Bairro Alto e Mouraria.

Pobre dr. Affonso Costa.

Com a chuva o Zé anda sempre molhadinho que é uma consolação.

Nem lhe vale o usar ás vezes capa de borracha.

Inglez: Vocês fazer escamar Companhia, e mim atirar bomba **Zé Gôrda** acima de vocês!...